



Visconde de Paço de Nestor (João)

Fallecido em 18 de Fevereiro de 1919

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyrs da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o imposto das despesas.

Estrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 291

Braga, 1 de Março de 1919

Anno VI



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gemes Velloso

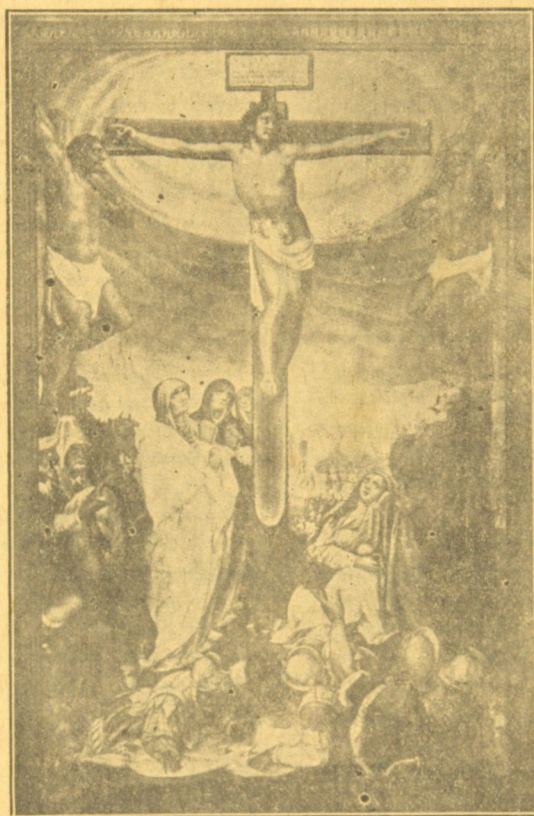
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

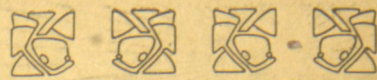
Braga, 1 de Março de 1919

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 291—Anno VI



Illuminura da decadencia, d'um codice da Bibliotheca
imperial de Vienna de Austria



Aquella carta...



APANHADO de chôfre por uma revolta que eu, com alguns outros sinceros e patriotas, tralhára por canalisar entre as margens da Ordem, como uma força, que se educa para que não fresvarie n'um impeto semelhante ao do simio grotesco dentro do guarda-louça, escavacando pratos de Sacavem e serviços inteiros de porcelana; profundamente amargurado por constatar que afinal tudo corra ao revez do necessario; sentindo dentro de mim mesmo todo o desabamento dos planos, todo o esfarelamento dos calculos, toda a fragorosa ruina das previsões desengañadas ante o espectáculo confrangedor do populacho solto e já agora impossivel de cancelar e coagir; — depois de ouvir seis balas a zunirem-me dois palmos acima da cabeça, e de uma noite tremenda e invernal de caminhada, toda ella atravessada de inesquecidos lances e de riscos audaciosamente desafiados, com a protecção de Deus; — depois de tudo isto, leitor amigo desde ha cinco annos, eu não tive mão em mim que não pegasse na penna e mandasse ao amigo republicano que commigo empregara os seus esforços, lá para esse Porto distante onde o *sans culotte* ainda pompeava nas ruas de espingarda ao hombro, onde começava a esboçar-se, mas já com todas as características de anarchia, essa desordem em que tudo veio a recahir em nossa casa, — uma carta que continha todo o meu pensar d'aquella hora, todo o meu sentir d'aquelles momentos, alumiados por uma comprehensão do que se passava, que raros possuiriam tão percutiente.

Ainda ha dias M. B. me disse que guardava essa carta com zelo — tamanha impressão lhe fez a segurança com que eu expunha os termos do problema, e tanto os cinco dias seguintes ao triumpho a tinham vindo confirmar com retumbancia!

Essa carta... Começava por lembrar a phrase do Combes diante das consequencias da perseguição religiosa que a sua raiva diabolica ateava pela França, aos arremessos, á doida e á ventura: — *nous avions tout prévu excepté ce qui est arrivé...*

E a seguir desenrolava eu todo o quadro.

A restauração d'opereta sobreviria dentro em pouco a restauração de tragedia levando estampado no estandarte a divisa faltal do irremediavel. A revolta commandada pela republica nova entregava o poder á republica velhissima!

— Os factos são estes, repára bem, são estes!...

E dizia-lh'os um a um, como quem lança pezos e mais pezos n'um dos pratos da balança!

— Pelo caminho que as coisas levam com signaes

d'anarchisação mais que visiveis, vae ficar de pé o contraste entre um 19 de janeiro com ordem, e um 13 de fevereiro com desordem. Isto basta para escorraçar da republica as forças indispensaveis ao equilibrio politico. Isto basta para fornecer polvora ás campanhas opposicionistas d'amanhã...

E apellava por fim:

— Será ainda possivel salvar a republica ordeira?

Escrevêra eu isto a 16 de fevereiro. Doze dias depois descia do comboyo na gare de S. Bento, e ao atravessar as Cardosas, vi M. B. corrêr do café direito a mim, abraçarme e desafogar:

— Tinhas razão! Tinhas razão! O que elle não sabia era que minutos antes um democratico de alto cothurno viera ao meu encontro tambem a perguntar:

— Olhe lá: que pensam os seus *leaders* sobre eleições... é preciso que os conservadores se unam... Bem vê: sem isso, é a canalha é o *soviet* quem vence!

E a isto eu respondi aquillo mesmo que tantos outros haviam respondido já:

— Esses já venceram no dia 13. Agora já não podem ser derrotados.

— Mas os snrs? os catholicos? Pois não são uma força d'ordem?

— E a ordem, onde está? volvi eu. No poder? Na rua? V. já a viu? A ordem era a republica nova e essa para os conservadores é hoje um mytho. Depois das duas fraições do mez passado, e do mez corrente. Vamos para casa! Onde estão as garantias? Tratemos das nossas vidas, visto que o *fatum* da nação já foi escripto!

Elle ouvia-me attento, sem ousar interromper-me. Ainda me perguntou:

— Mas sendo assim para onde vamos?

— Eu vou para casa, meu caro. Essa pergunta deviam-na os senhores fazer em 14 de dezembro do anno passado, pela manhã, antes d'almoço...

M. B. só mais tarde teve conhecimento d'este dialogo, e tornou a dar-me razão.

N'aquelle dia a atmospheria não era menos densa do que hoje, e o *dia seguinte* não era menos do que hoje a grande incognita.

Eu não sei ao certo se em Évora já existe triumphanté um *soviet*. Um collega meu sahido ha dias de Lisboa, asseverou-m'o. Mas creio que ha pelo menos em embrião um *soviet* — Portugal!

Aquella carta...

F. V.



Visconde de Paço de Nespereira (João)

NÃO é já do numero dos vivos este nosso bondoso amigo, figura respeitadissima do meio bracarense, e que attingiu na vida politica e social do paiz, as altas preeminencias que duplamente mereciam sua illustração e lidimo character.

Difficeis missões lhe foram confiadas; difficultosos cargos exerceu. E no cumprimento dos seus deveres de tal modo sempre se houve, que se tornou querido de companheiros, tanto como respeitado pelos adversarios. Chefe politico, governador civil, não se utilizou do seu prestigio, como não fosse para distribuir favores, auxilios, soccorros. Era aprimorado e affavel no seu trato, elegante e distincto nos seus modos, encantador e ameno no seu conversar, franco e lhano com os iguaes, benevolo sem impertinencia para com os subalternos. Em tudo, e por tudo, digno representante de virtudes ancestrais e atavicas delicadezas, como fidalgo que era, e descendente illustre de muito nobres casas e linhagem esclarecida.

Dizer que o nobre Visconde era dotado de profundos sentimentos christãos fôra, depois d'isto, uma redundancia, sabido como é o quanto elles florescem nos nossos heraldicos paços luzitanos. E, se o Senhor Visconde era tal, por lhe correr nas veias o sangue de inclitos varões, tão avantajados portuguezes como esclarecidos christãos, procurou companhia para perfumar-lhe a espinhosa senda da vida, não menos aristocrata, pela sua altissima genealogia, do que pelas virtudes do seu coração piedosissimo. A muito nobre Senhora do Paço dos Bis-

cainhos, emparentada com as mais altas casas da nação e com reinantes e nobilissimas do estrangeiro pela prosapia de Bertandos, de que descende, foi junto do Senhor Visconde, mais do que extremosa esposa, um anjo tutelar, desvellada de carinhos, e de atenções, e de confortos até á hora do final transe, prologado por indiziveis soffrimentos, que o illustre Fidalgo supportava, não com estoicismo, mas com resignação christã.

E foram elles muitos: desde o baquear de objectos amados, desde o quebrar de tradições, desde o espedaçar do passado, a que houve de assistir, até á doença impiedosa que pouco a pouco, e minaz, lhe foi cortando um a um, os fios da existencia. E com as dôres fisicas, os desgostos, exacerbados por incomportaveis dôres moraes, as que vibra a ingratição ou a perfidia. Ha dôres assim. E se os proprios inimigos devem respeitar, e respeitam geralmente, as dôres que causa vêr fenecerem esperanças, morrerem illusões, quando os povos passam as crises nacionaes e as modificações sociaes tão frequentes na historia, não ha tambem quem não reprove que por essas crises e modificações se desrespeite e quebre a veneração, a quem a teve muito merecida pelas qualidades eximias e alto civismo.

Foi por isto, particularmente difficil a vida do Senhor Visconde de Paço de Nespereira, no seu ultimo quartel... mas á bondade divina mereceu copioso e benéfico lenitivo no carinho da estremosa Esposa.

D'ella houve dois filhos, Gaspar e Sebas-

tião. Moços ainda, illustres por seus paes, que n'elles e d'elles se orgulhavam justamente, estão destinados a continuadores das virtudes maternas e do esclarecido aristocracismo que o Senhor Visconde exercia com tão nobre distincção. Recebam Elles, com sua carinhosa Mãe, a expressão do nosso sentir, que é também a d'este paiz e d'esta cidade, qual bem o mostrou no modo como acorreu ao Paço dos Biscainhos ao saber a infausta nova do christão e piedoso passamento do Senhor Visconde de Paço de Nespereira, fallecido nos braços da Igreja, e confortado com os Santos Sacramentos, aos 18 de Fevereiro de 1919.

Brilhe ao seu espirito formoso a luz eterna, no reino suavissimo das delicias de Deus.

*

* *

I. — *João Lobo Machado Cardoso do Amaral de Menezes*, bacharel formado em Direito, 2.º Visconde de Paço de Nespereira, antigo Governador Civil de Braga, Gran-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, nasceu em 2 de Fevereiro de 1867, na Casa do Proposto, da cidade de Guimarães, e era filho primogenito de

II. — *Gaspar Lobo de Souza Machado e Couros*, senhor da antiga casa de Santão, na freguezia de Felgueiras, 1.º Visconde de Paço de Nespereira, e de sua mulher
— *D. Maria Amelia do Carmo Pinheiro Cardoso do Amaral de Menezes Barreto*, que falleceu a 10 de Março de 1872, e que
— succedeu no antiquissimo vinculo de Paço de Nespereira por ser filho primogenito de

III. — *João Machado Pinheiro Correia de Mello*, 1.º Visconde de Pindella, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, do Conselho de S. Magestade, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Gran-Cruz de Isabel-a-catholica de Hespanha, Deputado da Nação, Governador Civil de Braga, e

de Vianna do Castello, 12.º administrador do Morgado de Pindella e 9.º do vinculo anexo dos Figueiras de Braga, 6.º administrador do vinculo dos Guerras, em Guimarães e de sua primeira mulher,

— *D. Maria do Carmo Cardoso do Amaral de Menezes Barreto*, senhora da Casa do Proposto em Guimarães e 11.ª administradora do vinculo de Nespereira.

I. — *João Lobo Cardoso do Amaral de Menezes*, 2.º Visconde de Paço de Nespereira, casou, em 1890 com
— *D. Maria da Conceição Eugenia Pereira da Silva de Souza de Menezes*, senhora da casa dos Biscainhos em Braga e filha dos 2.ºs Viscondes de Bertandos, e de quem houve dois filhos, *Gaspar* e *Sebastião*.

Paço de Nespereira

E' vinculo instituido, em 1538 por Pedro Cardoso do Amaral, Fidalgo da Casa de El-rei, Cavalleiro da Ordem de Christo, Contador-Mór do Reino. Estes Cardosos são os do Solar de Cardoso, havendo entre estas casas successivas e repetidas allianças. Ao referido Pedro Cardoso do Amaral concedeu El-rei D. João III o seguinte brazão de seus antecessores: Escudo de campo espartilhado; o primeiro dos Cardosos, que é vermelho com dois cardos verdes com as raizes e floridos de prata, um sobre o outro entre dois leões de oiro pegados n'elles; e o contrario dos Amaraes, que é de oiro com seis luas de azul em duas palas, e por differença uma brica de prata e n'ella um P. de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul; e por fimbria uma cabeça de leão de oiro com um dos cardos sahindo-lhe da bocca, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Cardosos e Amaraes, (Cart. Regia de 8 de Agosto de 1538 — registada na Chancellaria de D. João III — liv. XLIV fl. 92.)



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

LXVIII

Selecta internacional do nariz.

COM os ultimos acontecimentos do Norte mais uma vez se interrompeu a compilação dos serões, interrupção accrescida com a que occasionou o estado precario da saúde de frey Gil. Os annos!

O nariz de frey Gil não o enganou. A restauração monarchica no norte... nunca lhe cheirou, como se costuma dizer, e porisso a condemnou antes, quando andava ainda, como é costume, em boato. Porisso não tomou parte n'ella nem muita nem pouca, antes se afastou de tudo muito a tempo, tanto mais que era natural houvesse mostarda, coisa de que o nariz não gosta.

Séguem, comtudo, os serões, e contra minha vontade anticipo, para não alongar a interrupção algumas peças da futura e immorredora Selecta internacional do nariz, trabalho em que tenciono levar o leitor até á mais remota antiguidade e trazê-lo até nossos dias, de passeio pelas litteraturas de todos os povos, para que se regale a lêr quanto disseram prosadores e poetas d'esta importantissima parte do nosso organismo.

Ahi vae um conto moral de Mme Leprince, no Thesouro de meninas. Como não pude achar o volume original, escovei e alinhiei a pobre veste portugueza que lhe dera, ha cerca de duzentos annos, o P.^e Joaquim Ignacio de Frias. E' conto para moços e... ex-moços!

Houve noutro tempo um Rei, que amava extremamente uma Princeza, a quem não podia desposar, porque estava encantada. Foi consultar uma bruxa, desejando saber o que devia fazer, para ser querido da princeza. Disse-lhe a feiticeira: Sabe que a Princeza tem um grande gato, que estima muito, e que só ha-de casar com ella aquelle que tiver a dextreza de passar por cima do rabo do tal gato. Pareceu ao principe que o caso não era muito difficuloso, e, despedindo-se da feiticeira resolveu-se ou a machucar o rabo do gato ou a passar por cima d'elle. Com esta resolução foi direito ao palacio da Princeza.

Seiu-lhe ao encontro Minon, que assim se chamava o gato, corcovando-se como costumava. Levantou o Rei o pé para o pisar, mas quando cuidava tê-lo assentado no rabo do gato, Minon virou-se tão lesão que se não deixou pisar. Oito dias esteve o Rei a vêr se conseguia passar por cima do rabo fatal, mas o gato, que parecia movel como azogue, não se deixava apanhar. Por fim teve o Rei a sorte de apanhar Minon, e dormir, e então pisou-lhe o rabo com quanta força tinha. Acordou Minon miando lastimosamente e depois, tomando de repente a figura de um homem vigoroso, e olhando para a Magestade com os olhos accêso de colera, disse-lhe:

— Casarás com a Princeza por feres desfeito o encanto que t'o impedia; mas eu me vingarei de ti. Terás um filho que ha-de ser sempre infeliz, até que perceba que tem o nariz muito comprido; e se deres a saber esta ameaça, que te faço, no mesmo instante morrerás.

O Rei, embora ficasse muito atemorizado de vêr aquelle homem espantoso, que era um feiticeiro, não pode deixar de se rir da ameaça. «Posto que meu filho venha a têr o nariz muito comprido — disse para consigo o Rei — como não seja cego, nem aleijado, sempre o poderá vêr, ou apalpar!»

Desapparecido o feiticeiro foi o Rei ter com a Princeza que não teve duvida em casar com elle, mas não viveu o Rei muito tempo casado, porque ao fim de oito mezes morreu.

Passado um mez deu á luz a Rainha um Principe, a quem deram o nome de *Desejo*. Tinha uns bellos olhos azues, a bocca pequena e bem feita, mas um nariz tão grande que lhe cobria bem metade da cara.

Ficou a Rainha muito desconsolada vendo tamanho nariz; mas as damas que lhe assistiam disseram que enfim o nariz não era tão grande como a ella lhe parecia, que era um nariz á Romana, e que nas historias se lia que todos os heroes tiveram grande nariz.

A Rainha, que amava o filho com extremos, ficou muito agradada d'aquellas palavras, e com a continuação de olhar para o rosto de *Desejo* lhe ia já parecendo mais pequeno o nariz.

Foi creado o Principe com grande vigilancia; e tanto que soube fallar, logo lhe repetiram todos os contos maus de pessoas que tinham o nariz pequeno. Ao pé d'elle não consentiam senão aquellas pessoas cujo nariz se assemelhasse algum tanto ao d'elle. E os cortezãos, para agradarem á Rainha e ao Principe, puxaram muitas vezes no dia pelo nariz de seus filhos, para lh'o fazerem crescer, e por mais que fizessem sempre os narizes dos pequenos lhes pareciam chatos ao pé do enorme nariz do Principe *Desejo*.

Quando foi tempo ensinaram-lhe historia; e havendo de fallar-lhe de algum grande Principe, ou de alguma formosa Princeza, sempre lhe diziam que tivera nariz comprido. O aposento do Principe estava todo em volta ornado de quadros, em que havia grandes narizes; e de tal sorte se costumou *Desejo* a contemplar o comprimento do seu nariz, como se fosse uma maravilha que nem por um reino permittiria que lh'o diminuíssem a grossura de uma linha que fosse.

Chegando aos vinte annos acharam conveniente casalo. Trouxeram-lhe os retratos de muitas Princezas; mas o Principe de nenhuma gostou tanto como da Princeza *Mignonne*.

Era esta Princeza filha de um poderoso Rei, e herdiera de muitos reinos; mas o Principe *Desejo*, sem que nada d'isto lhe acudisse ao pensamento, só na belleza d'ella estava enlevado. A Princeza, que tão formosa lhe parecia, tinha um nariz pequenino revirado, que lhe dava ao rosto muita graça, mas que pôz os cortezãos na maior perplexidade, pois se tinham habituado a rir dos narizes pequenos, e algumas vezes, descuidando-se, riam-se da Princeza noiva. *Desejo*, porém, não admittia riso nêsse ponto, e mandou para o desferro dois cortezãos, que se atreveram, na sua presença, a dizer mal do nariz de *Mignonne*.

Os outros cortezãos, mais comedidos depois do exemplo, contiveram-se, e só houve um que disse ao Principe que, na verdade, um homem sem nariz grande não podia ser amado, mas que a belleza das mulheres era diversa, e que um sabio, que fallava grêgo, lhe dissera que a bella Cleopatra tinha a ponta do nariz revirado.

Mandou o Principe um magnifico presente áquelle que deu esta agradável nova, e enviou embaixadores que foram pedir a mão de *Mignonne*.

Concedida a mão da Princeza como o Principe desejava ardentemente vê-la, foi espera-la a distancia de mais de tres leguas. Quando, porém ia direita a ella para lhe beijar a mão, viu-se apparecer um feiticeiro, que arrebatou a Princeza á vista de *Desejo*, deixando-o todo desconsolado. Determinou o Principe não entrar no seu reino sem ter encontrado a Princeza; e, sem querer que algum dos seus cortezãos o acompanhasse, montou n'um bom cavallo e largando-lhe a redea deixou-o tomar o caminho que elle quiz.

(Continua.)

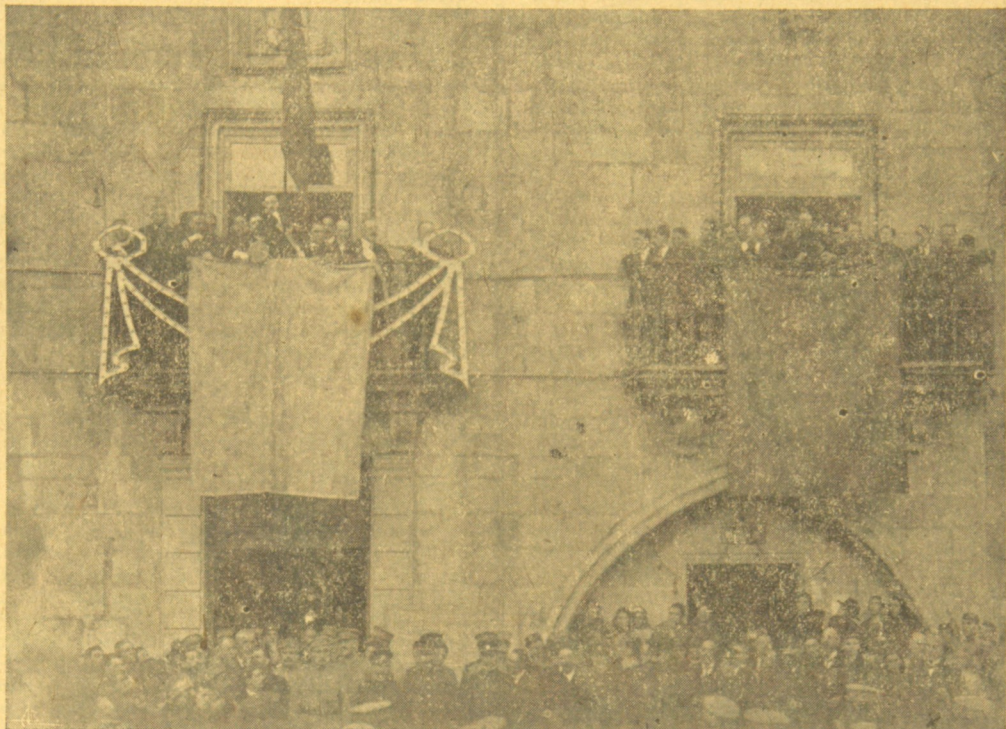
O Furão e o Tourão



coelho, com ser um animalsinho mui tímido, domesticavel, e saboroso para guizados, faz grandissimo damno ás sementeiras, porque é um roedor voraz; e tambem nocivo ás raizes, porque habita e faz criação em focas subterraneas. Dizem que cada anno abre uma nova.

O tourão, que entre nós tem o nome vulgar de sacarrabo, denomina-se tambem foeta, ou doninha fétida.

O tourão tem o corpo mui flexivel e alongado, coberto de pello cinzento, amarellado pelo ventre; a cabeça achatada, com focinho agudo, olhos pardos, orelhas pequenas e re-



VIANNA DO CASTELLO —[Proclamação da monarchia em 21 de Janeiro de 1919, na camera municipal.

Como é animal mui fecundo, se não se lhe desse caça, inçaria os campos de sorte que nenhuma sementeira iria ávante.

Por isso a industria do homem buscou dois animaes que penetrassem nas focas do coelho, para assim exterminar tão damninho roedor.

Estes dois animaes são o furão e o tourão.

Pertencem ambos á ordem dos mammiferos carniceiros, e ao tronco dos vermiformes, juntamente com a fuinha, a marta, a doninha, o arminho, etc.

dondas; a cauda curta, negra e felpuda; tendo por baixo dois folliculos ou glandulas que segregam um humor oleoso mui fétido, que verte quando o animal se irrita, tornando-se então insupportavel o mau cheiro. E singular que o gato de algalia tem as mesmas glandulas, mas segregam um humor mui cheiroso que serve para perfumarias.

O tourão nasce nas regiões temperadas; nas do norte e nas do meio-dia são raros estes animaes, Vivem em logares pedregosos,

posto que tambem se encontram na margem das lagoas. No verão habita pelo troncos comidos das arvores, nas tocas dos coelhos que afugentou ou comeu, e tambem pelas lapas dos rochedos. Quando chega o inverno, o tourão vem para o povoado, e mette-se clandestinamente nas granjas e nos palheiros. Todo o anno dorme este animal de dia, e só de noite é que sai para buscar o sustento. Corre com muita ligeireza, e trepa ás arvores para se livrar dos cães; mas se elles o assaltam de subito, com as garras se defende corajosamente.

Mais ardiloso que a fuinha, o tourão trepa

cer ahi uma familia de tourões, porque em pouco tempo se lhe acabará a casta.

E' o unico prestimo que tem este fedegoso animal.

A pelle tem pouco valor, porque é difficil tirar-lhe completamente o mau cheiro; e a carne é tal que nem os cães lhe pegam. Ha differentes meios de o caçar tambem, para livrar d'elles as os celleiros e a criação.

O furão differe muito pouco do tourão; é talvez uma variedade degenerada. Tem egualmente o corpo alongado, porém mais comprido, porque mede os seus 30 a 40 centimetros.



VIANNA DO CASTELLO — O regimento de infantaria 3 em marcha, na antiga Praça da Rainha.

aos mais altos muros para ir assaltar as caeiras, coelheiras e pombaes. Tambem não perdoa ao ninhos das perdizes, das cotovias, das codornizes e outras aves. Gosta, porém, mais de sangue e de miolos que da carne. É mui guloso de mel, pelo que de inverno faz grande estragos nas colmeãs.

Apesar de tudo isto, o tourão tem, como dissemos, o prestimo de destruir um grande numero de especies nocivas á agricultura, mórmente os mammiferos roedores. O meio mais simples de diminuir a praga dos coelhos nas terras onde elles multiplicam muito, é estabele-

O pello é loiro ou melado, o focinho agudo, com dentes tuberculosos assaz desenvolvidos, principalmente no queixo superior. Os olhos são vermelhos.

Ha furões mesclados de ruivo, branco e preto, e tambem complemente branco. Estes tem os olhos encarnados, e são por consequencia albinos.

Por isso o furão passa rapidamente ao albinismo, e até, segundo a observação de alguns naturalistas, acha-se mais vezes n'este estado que no seu natural, a ponto que Linneo e Cuvier lhe dão por caracteristico pello bran-

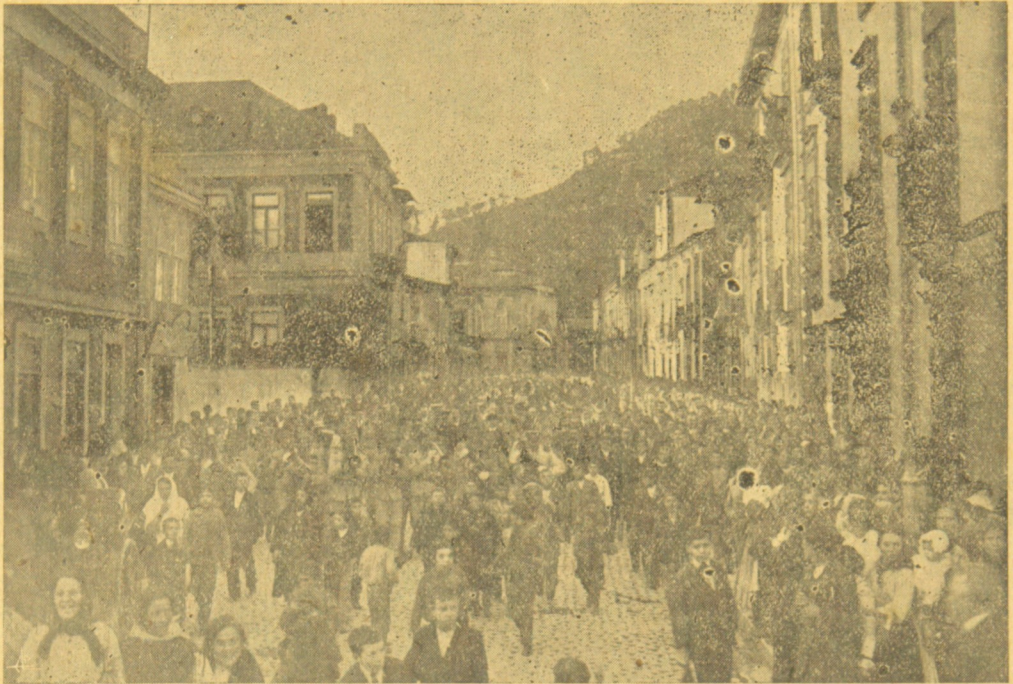
co amelado e olhos rosados. Tem, como o tourão, pernas curtas, cinco dedos em pé, com unhas afiadas.

Será o furão originario do tourão ou doninha fétida? De Blainville julga que sim, á vista da identidade dos esqueletos d'estes dois animais. Contudo, esta opinião está ainda longe de ser admittida.

Suppõe-se que o furão é oriundo da Africa; todavia, ainda se não encontrou no estado de selvagem em nenhuma região d'esta parte do mundo. Julga-se que fôra introduzido e domesticado na Europa pelos fins da republica romana. Strabão refere que se mandaram buscar furões

rompe-a por outro lado e foge. A fim de evitar este inconveniente costumam açaimal-os, para que não mordam os coelhos, e só os façam saltar para fora, e venham cair na rede que armam á boca da toca. O furão serve tambem para desninhar os passaros, porque entra facilmente pelas cavernas das arvores e buracos dos muros.

Costumam criar os furões em pipas destampadas, mettendo-lhes palha ou estopa no fundo. Sustentam-se de pão, sementes, leite, ovos, e sobre tudo de sopas de enguia a que se lançam como gato a bofe. De tempos a tempos dá-se-lhes carne. E' tal a gana que o furão tem aos



VIANNA DO CASTELLO — O cortejo, regressando da estação, á despedida de uma columna.

á Lybia para extinguir os coelhos que infestavam a Hespanha. N'esta provincia se naturalizam; em França, porém, não os ha senão domesticos, ou engaiolados para commercio. O furão, por instincto, penetra nas tocas dos coelhos e os mata para lhes sugar o sangue. Todos sabem que os caçadores se aproveitam d'este instincto sanguinario para a caça dos coelhos, que os furões fazem sair das tocas por onde elles se internam profundamente. Muitas vezes o furão, depois de sangrar o coelho, adormece, de sorte que o caçador não vê sair nenhum d'elles, por mais que espere. Fazem então um fumeiro á boca da toca, mas o furão

coelhos, que até quando lh'os apresenta mortos, se lança a elles, e lhes ferra o dente.

Quando está preso, o furão passa a maior parte do tempo a dormir; contudo o somno não lhe diminue a voracidade; assim que acorda busca o comer. A femea tem tres partos por anno, de cinco a dez filhos de cada ventre. Os criadores vem vendel-os á praça da Figueira para os caçadores, a doze vintens e tres tostões. Para o mesmo fim se tem querido domesticar a fuinha, porém difficilmente se consegue.

Temos em portuguez um ditado que diz: «Não cava de coração senão o dono do furão.»

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

Os clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palaavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

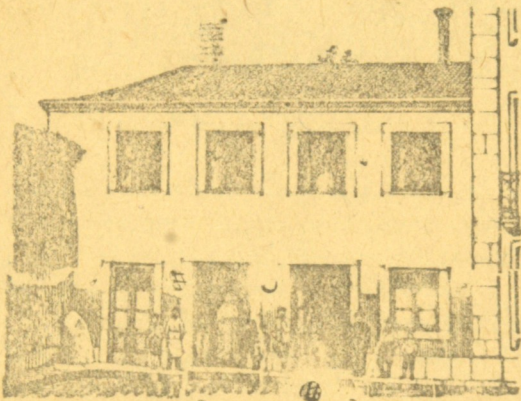
Os referidos Evs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reterido do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

Colégio Académico

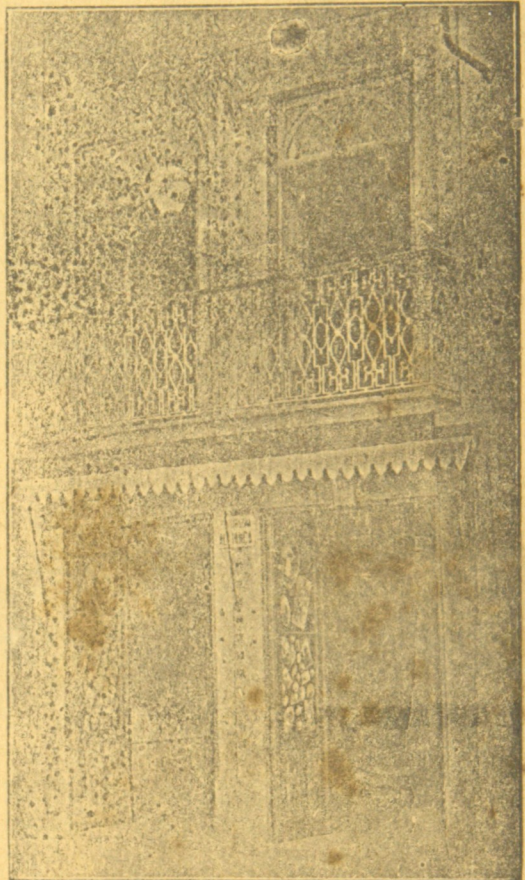
GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade
Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu reclame.

Pedidos aos directores

Dr. Alfredo Peixoto
Luiz Gonzaga Pereira
P.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA